



UM ANIVERSÁRIO DIFERENTE

Quando a folhinha marcava 13 de junho de 1921 resolveu um grupo de intelectuais, Beni Carvalho, Clóvis Monteiro, Cruz Filho, Herman Lima, Irineu Filho, Júlio Maciel, Mário Linhares e Sales Campos, levar ao mestre Antônio Sales o abraço em nome de toda a intelectualidade cearense.

E se mandaram, bem cedo, para a residência do aniversariante, no Alagadiço, por lá chegando às dez horas. Informados de que ele se encontraria na casa de seu amigo Rodolfo Teófilo, na Pajuçara, seguiram destino e, momentos depois, entregavam ao homenageado uma belíssima lira de flores naturais acompanhada de dedicatória e tendo ao centro o seu retrato.

Sales Campos dá um passo à frente e se faz o intérprete do sentimento de todos os amigos e admiradores ali presentes através destas três quadras:

*“Mestre, fomos buscar dentro da Natureza
um símbolo perfeito,
que pudesse exprimir a inefável beleza
da tua obra magnífica de Eleito.*

*Encontramos a flor
que numa rara coincidência,
tem, na sua corola, o segredo da Cor,
e o mistério da Essência.*

*E de flores tecemo-te uma Lira;
o instrumento sagrado em que, há lustros, inquieta,
em grandes vibrações harmoniosas, delira,
a tua alma de poeta.”*

Ainda pelos jornais locais esses mesmos companheiros externaram a alegria de que estavam possuídos por participarem da passagem dos cinquenta e três anos de idade do autor de Panteon.

Irineu Filho saudou-o em sete quadras alegres, dentre elas

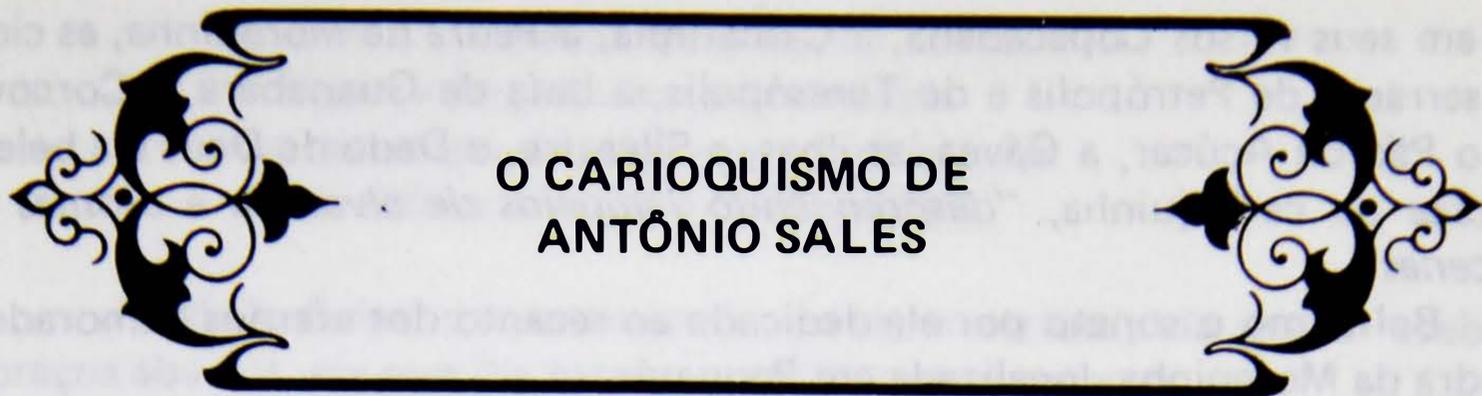
*“Apenas venho abraçar-te
sem rodeios, sem enganar,
e, sincero, desejar-te
todos os anos. . . mais anos,*

*pois, sem primeiro inteirares
anos, mais anos sem fim,
jamais tamanhos saudares
receberias assim . . .”*

Beni Carvalho e Cruz Filho firmaram conceitos que dignificaram a maturidade do poeta. E Mário Linhares, em decassílabos, assim cumprimentava o amigo:

*“Meu caro poeta e amigo Antônio Sales:
hoje, na data do teu natalício,
cantam todos os pássaros nos vales,
no dulçor do mais lírico epinício.*

*É que, ao fulgor deste risonho dia,
há como o encantamento em que se encerra
toda a serena e límpida harmonia
do inspirado cantor de Minha Terra.”*



O CARIOQUISMO DE ANTÔNIO SALES

Antônio Sales considerava o Rio sua segunda pátria. Sempre que se lhe oferecia uma oportunidade não poupava elogios à terra carioca. Certo se recordaria com enternecimento do carinho como foi por lá recebido e do respeito de que era cercado. Não comungava com aqueles que a consideravam fútil e estrangeirada mas sim comparando-a como a mãe que acolhia, sem distinções e generosamente, todos como seus filhos e que nela vêm buscar a fama, a tranqüilidade ou a fortuna.

Quando entrevistado no Rio em novembro de 1922 pelo jornal A Noite, declarava: *"Meu caro, você vem apanhar-me em pleno atordoamento de provinciano recém-chegado, que ainda não tomou pé neste delicioso turbilhão da vida carioca. É verdade que vivi aqui cerca de vinte anos, mas passei agora mais de quatro no meu Ceará e achei muita coisa mudada. Aliás, no Rio eu fui sempre um deslumbrado. Nunca as belezas da cidade se trivializaram para mim. Morei anos no Catete, e nunca consegui, ao passar pela praia da Glória, deixar de levantar os olhos do jornal da tarde para contemplar a baía maravilhosa. . . Em minha terra, que eu amo e onde tenho a presunção de ser estimado, perseguiu-me sempre a saudade do Rio. Ninguém esquece mais esta cidade depois de ter vivido aqui algum tempo. A beleza da terra, a graça das mulheres, a gentileza de toda a gente fazem da capital brasileira uma estância de delícias. Tudo o que a natureza e a alma do Brasil têm de mais encantador aqui se apura num grau máximo"*.

Mas não que as coisas na Metrópole lhe corresse fáceis. Lutou sempre, escreveu muito em diversos jornais e revistas cariocas, fez amigos e inimigos também, tornou-se respeitado e até convidado a se refestelar numa das poltronas da Casa de Machado de Assis.

Reservado, abstêmio, bem casado, vivendo para a intimidade do lar não o seduziam as rodas boêmias, os cafés ruidosos, as confeitarias elegantes mas o grupinho ilustre da Revista Brasileira, núcleo inicial da futura Academia Brasileira de Letras.

Conversando ou escrevendo, não regateava elogios à *"formosa cidade onde nunca me faltaram estímulos, afetos e prêmios aos meus esforços"*. Can-

tou em seus versos Copacabana, a Cascatinha, a Pedra da Moreninha, as cidades serranas de Petrópolis e de Teresópolis, a baía de Guanabara, o Corcovado, o Pão de Açúcar, a Gávea, as ilhas, o Silvestre, o Dedo de Deus e a beleza e graça da cariocinha, *“desprendendo lampejos de alvorada e aromas de açucenas”*.

Belíssimo o soneto por ele dedicado ao recanto dos eternos namorados, a Pedra da Moreninha, localizada em Paquetá:

*“Naquela pedra muitos namorados
têm ido se sentar, e em tons baixinhos,
conversam longas horas, enlevados,
somente ouvidos pelos passarinhos.*

*Naquela pedra ajustam-se noivados,
trocam-se ardentes beijos e carinhos.
Alguns saem daí desenganados,
e pela vida vão errar sozinhos.*

*Se tudo o que eles dizem se gravasse
na pedra, qual num disco, e ela falasse,
com seus acentos de íntimo fervor,*

*ter-se-ia então ao vivo repetida,
cena a cena, a comédia divertida,
a Comédia velhíssima do amor”*.

Quando de volta ao seu Ceará, Antônio Sales se despediu de sua querida Cidade Maravilhosa com o poema ADEUS AO RIO, um hino de amor, de gratidão e de saudade, ocasião em que rememorou

*“Faz muitos anos já que, peregrino
humilde, eu fui pedir-te um agasalho,
levado pela força do destino,
que me enxotou do meu nativo galho”*.

Comparava a Gávea a uma *“mesa posta para os deuses”*, o Corcovado a um Sinai, as ilhas de Guanabara aos membros da Nereida. Enaltecia a voz melodiosa e cristalina assim como o gingado atrevido da mulher carioca:

*“E é por bebê-la, que a mulher carioca
tem essa voz tão musical que, quando
contra os dentes de pérolas se choca,
lembra cristais finíssimos vibrando.*

*E com as palmeiras clássicas, ao vento
arfando, ela aprendeu esse donaire
do seu corpo de estátua em movimento
ou de falena que entre flores paire”.*

Antônio Sales, um enamorado da terra carioca, ela que o recebeu de braços abertos, ela que lhe tornou o exílio menos amargo.

Adeus ao Rio, uma oração que deveria ser lida por todos os que a ela recorrem não como aventureiros inconscientes mas como operários laboriosos e audazes.

*“Adeus! A tua imagem, Grã Cidade,
guardo-a no escrínio dos afetos meus:
ninguém te amou com mais intensidade
do que esse poeta forasteiro. . . Adeus!”*

A história da candidatura de Artur Bernardes em 1921 é uma história de luta política que em vários artigos na imprensa carioca foi sendo discutida e analisada em defesa da candidatura Bernardes.

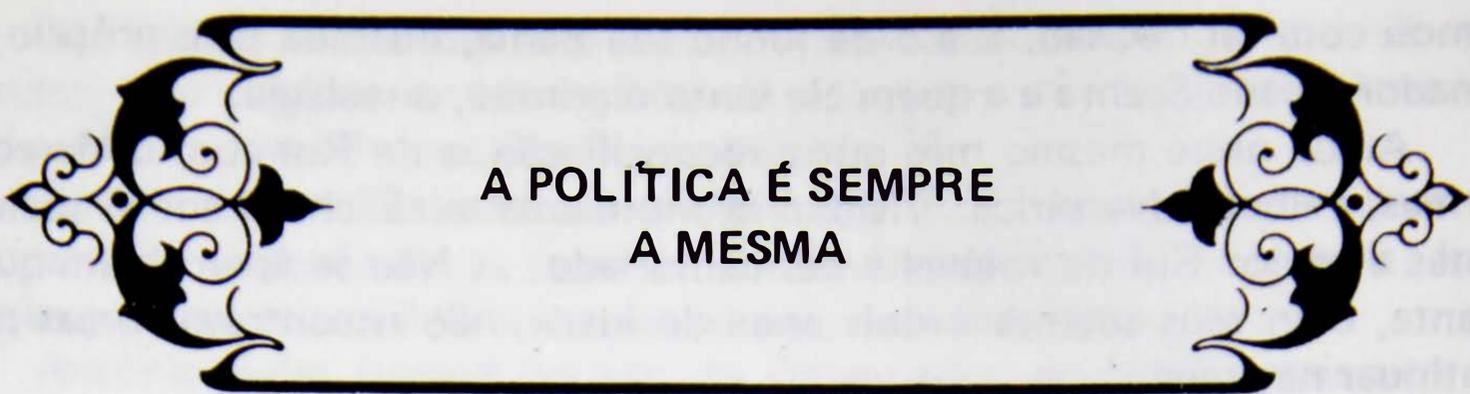
As eleições de 19 de março de 1921 aconteceram no município de Nova Friburgo. Artur de Silva Bernardes, a não ser que não pudesse contar com a ajuda de uma forte coligação, a Frente Republicana, formada por membros da Federação apoiavam a chapa Bernardes-Imperato e o apoio Bahia, Pernambuco, Piauí de Janeiro e Rio Grande do Sul defendiam o governo João Pessoa.

Frente divulgadas em outubro de 1921, algumas delas assinadas por membros do círculo pessoal e injustamente atribuídas a Artur Bernardes. O objetivo da frente a Nação um Manifesto afirmava: “O Brasil é uma república e não uma monarquia de que nunca tendo sido. Vaga para a terra e a lá recebido uma chuva de tomates e ovos podres. A situação é insuportável e ao lado de João Pessoa e Odebrecht Lacerda, o Brasil é um país de república, não um país em guerra a autonomia dos estados.”

Aqui pelo Ceará Antônio Sales não se encontra um movimento pelo voto direto e livre. O Clube dos Diários afirma: “O Brasil é uma república e não uma monarquia de que nunca tendo sido. Vaga para a terra e a lá recebido uma chuva de tomates e ovos podres. A situação é insuportável e ao lado de João Pessoa e Odebrecht Lacerda, o Brasil é um país de república, não um país em guerra a autonomia dos estados.”

Antônio Sales que Bernardes escolheu para ser o candidato a vice de Espírito Santo não hesando, assim, apoiando a candidatura de Bernardes. “Por que a fama de, muita gente sabe de 1921 quando houve o governo da República, Espírito, o do Ceará, Pernambuco e o Rio de Janeiro de Curvelo, isto é, Artur Bernardes”. Todavia, o candidato eleito foi o seu por Antônio Sales a candidatura Bernardes não em 1921, mas em 1922.

A Águia de Haia já não se apresentava a imagem anteriormente conhecida. A idade cobrava-lhe tributo. Passou a ser conhecida, depois, em 12 de março de 1921 renuncia à senetoria pelo Brasil. O país não estava mais na con-



A POLÍTICA É SEMPRE
A MESMA

A sucessão presidencial de Epitácio Pessoa muito preocupava a Antônio Sales que em vários artigos na imprensa fortalezense abordaria a questão em defesa da candidatura Bernardes.¹

Às eleições de 1º de março de 1922 concorreram o ex-presidente de Minas Gerais, Artur da Silva Bernardes, e Nilo Peçanha, este contando com o apoio de uma forte coligação, a Reação Republicana. Dezesete unidades da Federação apoiavam a chapa Bernardes-Urbano enquanto Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul defendiam o binômio Nilo-Seabra.

Eram divulgadas em outubro de 1921 algumas cartas ofensivas aos brios do Exército brasileiro e injustamente atribuídas a Artur Bernardes. O ofendido dirigia à Nação um Manifesto afirmando sua inocência e denunciava a trama criminosa de que estava sendo vítima. Viaja para o Rio e é lá recebido com uma chuva de tomates e ovos podres. Grafólogos são convocados e ao final Jacinto Guimarães e Oldemar Lacerda, inimigos de Bernardes, confessavam em cartório a autoria das missivas.

Aqui pelo Ceará Antônio Sales não escondia seu entusiasmo pelo candidato mineiro. O Clube dos Diários oferecia grandiosa recepção ao presidente do Estado, Justiniano de Serpa, por ocasião de seu aniversário natalício, a 6 de janeiro. E nessa oportunidade num discurso imponente, o homenageado elogiava a personalidade de Bernardes, apontando-o como o mais idôneo para presidir os destinos da República.

Achava Antônio Sales que Bernardes certamente continuaria a obra de Epitácio, não havendo, assim, solução de continuidade na salvação do Nordeste. *“Por ora, afirmava ele, minha consciência me diz que devo apoiar o governo da República, Epitácio, o do Ceará, Justiniano e o candidato da Convenção, isto é, Artur Bernardes”*. Todavia, o entusiasmo demonstrado por Antônio Sales à candidatura Bernardes não era o mesmo quando da de Rui Barbosa.

A Águia de Haia já não se apresentava o mesmo combatente intolerante. A idade cobrava-lhe tributo. Passou a ser indulgente. Cansado, em 10 de março de 1921 renuncia à senatoria pela Bahia. O país não aceitou nem se con-

formou com tal decisão. E a 5 de junho sua Bahia, liderada pelo próprio governador baiano Seabra e a quem ele tanto esgrimira, o reelegia.

Ainda nesse mesmo mês outra reconciliação, a de Rui com o Marechal Hermes, velhos adversários. Visitam-se mutuamente. É chegaram os maledicentes a acusar Rui de volúvel e desmemoriado. . . Não se apercebiam que o gigante, com seus setenta e dois anos de idade, não encontrava forças para continuar na arena.

Também Antônio Sales não compreendia as atitudes conciliadoras de Rui, apertando a mão de Seabra e a de Hermes. E declarava que se Rui agora viesse a ser candidato dos dissidentes negaria a ele o seu aplauso. E dizia categórico: *"Se Rui renega o seu passado, se desmancha com os pés a obra formidável que fez com as mãos, eu não me considero obrigado a acompanhá-lo na sua retirada da senda do dever cívico, no seu repúdio às idéias e aos princípios em cuja defesa produziu os tremendos libelos ante os quais empalidecem as catilinárias e as verrinas de Cícero"*.

Não resistiu muito Rui Barbosa aos aborrecimentos, ao peso da idade e à doença e no dia primeiro de março de 1923 cerrava os olhos para sempre.

Antônio Sales nunca perdoaria ao Cícero Nacional o ter mudado suas convicções. Nada de concessões. E embora considerasse o nosso grande brasileiro um astro, o sol maior de nossa intelectualidade, nem por isso se resignaria a representar o papel de uma planta heliotrópica submissa aos caprichos da evolução do sol.

Mas deixaria marcado, neste soneto, toda a sua admiração por um brasileiro que dominou com a sua palavra e com suas atitudes as fases tumultuosas da Monarquia e da República:

*"Para abater o Império o Rui foi convidado,
e para o Provisório igual requisição
teve, e logo assumiu o encargo bem pesado
de alinhar à pressa uma Constituição.*

*No regime legal eis o país entrado,
e a pasta da Fazenda é-lhe outorgada então.
Tempos do Encilhamento! Ó tempos do Eldorado!
Da fortuna e da glória indelével padrão!*

*Vem Floriano: a Revolta estoura na baía;
surge na arena o Rui batendo a tirania,
vem o Atentado e o Rui surge de espada e capa.*

*No Código Civil, no Acre, eternamente
o Rui. E da Bahia há de ser presidente
se ele não preferir. . . ser escolhido Papa."*



Candidatos às eleições previstas para janeiro de 1938 — o que não iria acontecer — o paulista Armando Sales de Oliveira, o paraibano José Américo de Almeida e o também paulista Plínio Salgado.²

Parecia que o Brasil estava dividido em dois campos diametralmente opostos: um, simbolizava as regiões mais desfavorecidas do nosso país, José Américo; outro, as tendências conservadoras, Armando Sales.

Antônio Sales tomara partido do Governador do Estado mais rico da União com um ardor, um entusiasmo bem fora do comum. Soares Bulcão, de certa feita, relatava esse aspecto interessante do nosso poeta de Paracuru: *“Tomava logo posição saliente, de acordo com os seus princípios e idéias, intransigentemente, mesmo ao lado de qualquer partido político, mas sem ligações incondicionais. Era de uma lealdade sem limites, desassombrado, mas um franco-atirador, capaz de ficar sozinho na trincheira”*.

No Correio do Ceará de 6 de julho de 1937 saía o seu artigo *É Este o Homem*. Nele figurava o Brasil como um navio prestes a afundar enquanto o povo — seus passageiros — dançava indiferente ao perigo. Conclamava que se sufragasse nas urnas o nome de Armando Sales,³ candidato que reunia três qualidades marcantes: capacidade, patriotismo e honestidade. Lembrava que ao jovem estadista coube a difícil missão, e da qual saiu galhardamente, de reger os destinos de São Paulo ainda machucado pela Revolução Constitucionalista. E rematava: *“Como brasileiro alheio ao partidarismo, como intelectual que ama a Democracia e deseja vê-la restaurada nos seus nobres princípios e dignificada pela prática das virtudes cívicas que constituem os mandamentos de sua doutrina, venho trazer meu protesto de desinteressada admiração ao estadista que deve ser o candidato de todos os homens que amam nossa Pátria acima de tudo e querem vê-la próspera, tranqüila e feliz”*.

NÓTULAS

- ¹ Algumas crônicas políticas de Antônio Sales em torno de Epitácio Pessoa: A Convenção e as Dissidentes; O Momento; O Momento Político; O Discurso do Presidente Justiniano de Serpa; Acusações Ineptas; Os Perturbadores; O Manifesto; O Dever dos Cearenses; Na Véspera da Vitória; Frutos do Nilismo; Resposta à Tribuna; Ponto Final.
- ² Qual dos Três? revista de Luís Iglésias e Freire Júnior, levada no Teatro Recreio a 23 de outubro de 1937. Última revista política do dentista, maestro, pianista, compositor e empresário Freire Júnior.
- ³ Candidatura Oficial e Passado e Presente, dois artigos de Antônio Sales pugnando pelo candidato Armando Sales.